



RITMOS, TEMPOS MEDIDOS E TEMPOS VIVIDOS: UMA ETNOGRAFIA DO TEMPO ESCOLAR

Josilene Pequeno de Souza
Mônica Franch

RESUMO

A problematização central da pesquisa é a de conhecer como alunos e professores vivenciam o tempo escolar. Os objetivos desta pesquisa são: Em primeiro lugar compreender como alunos e professores de uma escola pública percebem e vivenciam o seu tempo escolar; em segundo lugar conhecer, através de observação participante, a forma de organização do cotidiano escolar na escola escolhida; em terceiro lugar verificar como alunos e professores lidam com as múltiplas temporalidades no horário escolar. Em relação à metodologia, todo o meu esforço foi no sentido de construir ao final da pesquisa uma etnografia aos moldes clássicos, embora adaptada ao contexto atual, com base numa detalhada pesquisa de campo, utilizando o meu diário de campo, confeccionado a partir da vivência no campo de pesquisa e da relação que estabeleci com os interlocutores no ambiente escolar. Uma das conclusões do trabalho foi a de que as relações entre alunos e professores perpassam questões que envolvem além das diversas temporalidades do ambiente escolar, mas também aquelas relacionadas aos aspectos geracionais.

Palavras-chave: Geração. Escola. Tempo.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresento algumas questões extraídas da minha dissertação de mestrado em Antropologia, que versou sobre os tempos escolares tendo como objeto empírico uma escola pública de ensino médio situada num populoso bairro da cidade de João Pessoa. Os objetivos desta pesquisa foram, em primeiro lugar, compreender como alunos e professores de uma escola pública percebem e vivenciam o seu tempo escolar; em segundo lugar, conhecer, através de observação participante, a forma de organização do cotidiano escolar na escola escolhida – horários de aula, intervalos, aulas vagas etc.; em terceiro lugar, verificar como alunos e professores lidam com as múltiplas temporalidades no horário escolar.



Em relação à metodologia, todo o meu esforço foi no sentido de construir uma etnografia aos moldes clássicos, embora adaptada ao contexto atual, com base numa detalhada pesquisa de campo, utilizando o meu diário de campo, confeccionado a partir da vivência no campo de pesquisa e da relação que estabeleci com os interlocutores no ambiente escolar. Escolhi a etnografia porque ela me permitiu apresentar mais do que um conjunto de técnicas ou métodos de pesquisa. A partir dela foi possível retratar toda uma experiência vivida de forma muito particular que só a etnografia seria capaz de proporcionar, uma visão mais antropológica da realidade e das temporalidades que encontrei no ambiente escolar.

Alguns autores que tiveram o tempo como objeto de reflexão, tanto na antropologia contemporânea, quanto na antropologia clássica me nortearam teoricamente (DURKHEIM, 1996; MAUSS, 2003; EVANS-PRITCHARD, 2007; THOMPSON, 1998; BORGES, 2004; FOUCAULT, 1987; FRANCH, 2000, 2008; RAMOS TORRE, 2009). Com base nesses trabalhos, resolvi observar as dimensões temporais, os ritmos da vida social, suas sazonalidades e os tempos que mais se destacam a partir dos diferentes momentos observados na escola. De modo que eram as atividades e as mudanças dessas atividades que me faziam enxergar esses ritmos e as diversas temporalidades observadas naquele ambiente.

A escola em que eu realizei a minha pesquisa é uma das maiores escolas estaduais da cidade de João Pessoa e está situada no bairro chamado Cristo Redentor¹. A referida escola oferece apenas o Ensino Médio em dois turnos, tarde e noite, possui 25 turmas, com uma média de 45 alunos por sala e um total de 968 alunos matriculados.

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA E SEUS RITMOS

Eu passei todo o ano letivo de 2013 no campo. Passar um ano no campo não significou que eu passei os doze meses do calendário anual na escola, pois o ano

¹O bairro do Cristo, como é mais conhecido, por algum tempo foi tido como um bairro nobre, hoje é um bairro cercado por comunidades menos favorecidas. Ele fica perto do centro da cidade de João Pessoa e com a migração dos seus moradores para as áreas consideradas nobres no litoral da cidade, o bairro tem perdido o seu valor.



2. ETNOGRAFANDO O TEMPO ESCOLAR

No período em que eu estive na escola pude perceber a complexidade que é lidar com as temporalidades no espaço escolar. Primeiro, pelo que a escola espera que aconteça a partir da sua organização temporal e das suas atividades e, depois, pelo que realmente acontece naquele espaço. Logo percebi que existem dois tempos básicos e que deles advém outros tipos: um tempo organizado e determinado pela escola, podemos dizer, um tempo planejado; e um tempo vivido, aquele que é observado a partir das vivências diárias dos sujeitos na escola. Kohan (2004 apud MARQUES ET AL, 2013, p. 51) chama esse primeiro tempo a que me refiro de *chronos* e o segundo tempo ele chama de *aión*. O tempo *chronos* se refere ao tempo linear, sucessivo e a soma dos três tempos – passado, presente e futuro. Enquanto o tempo *aión* se refere à “intensidade do tempo na vida humana, um destino, uma duração, uma temporalidade não numerável nem sucessiva, intensiva.” (KOHAN, 2004, p. 3 apud MARQUES ET AL, 2013, p. 51)

Na verdade esses dois tempos principais permanecem o tempo todo juntos, andam lado a lado e em alguns momentos um deles se sobressai. Apontar esses tempos e as consequências deles é o meu objetivo de agora em diante.

2.1 COMO O TEMPO É ORGANIZADO PELA ESCOLA?

a) Principais unidades do tempo escolar

As unidades fundamentais do tempo escolar são aquelas que fazem parte do calendário escolar e que regem a lógica temporal das práticas escolares. Elas são programadas desde o início das atividades e tentam controlar cada passo dado na escola. Não são flexíveis, enfim é um tempo estrutural, anterior e definidor das atividades.

O ano letivo: O ano letivo é a unidade básica do tempo escolar. É o período em que se desenvolvem as atividades escolares. No caso brasileiro esse período compreende geralmente de fevereiro a dezembro, com férias no mês de julho e recesso em janeiro. Sendo assim, o ano letivo se dá em dois períodos de um mesmo

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



ano: de fevereiro a junho e depois de agosto a dezembro. As férias em julho e o recesso entre um ano e outro que se dá em janeiro seriam tidos como “tempos mortos” ou inativos, tendo em vista que a escola fica fechada e acaba sendo um período em que se aproveita para fazer reparações e reformas.

O *bimestre*: O bimestre é outra unidade temporal importante porque é ela que norteia as avaliações. A cada dois meses a escola tem o período de provas bimestrais, momento em que os alunos são avaliados com uma prova que pretende demonstrar o que eles aprenderam nesses dois meses, até que se encerre o ano. A avaliação bimestral é a principal avaliação e a única que está presente no calendário escolar desde o início do seu planejamento anual. Durante o ano letivo a escola tem quatro bimestres. Dois bimestres antes das férias do meio do ano e os outros dois depois das férias. As outras avaliações são feitas a partir das experiências em sala de aula, combinadas entre alunos e professores, e nesse sentido, são mais livres e sem data certa para acontecer, são avaliações combinadas durante as aulas.

O *mês*: Nenhuma atividade tida como importante na escola é feita considerando-se a unidade de tempo mensal. Quando se fala em mês na escola, quase sempre, alunos e professores se referem ao mês de férias ou ao recesso escolar, que quase sempre ocorre nesse intervalo de tempo. Nesse sentido o mês não teria muito a dizer em relação às atividades escolares. É pouco comum ver alunos e professores fazendo menção ao mês enquanto desempenham suas atividades na escola.

A *semana*: É durante a semana que tanto alunos quanto professores vivenciam sua rotina. De segunda a sexta eles desenvolvem suas atividades na escola. Durante a semana o tempo escolar é marcante. O fim de semana é o intervalo dessa rotina. Quase sempre, quando perguntados sobre suas atividades semanais, eles consideravam que todos os dias eram iguais, independente das aulas, que mudavam a cada dia da semana. Nesse período é forte a ideia de repetição, de que tudo está sempre igual e de que nada muda. A única exceção é a semana de prova, que é atípica e marcante, que acontece a cada bimestre, porque muda o ritmo e as cobranças em relação às atividades escolares. Na semana de avaliação muda o horário de atividades e as atividades.



O *dia*: É no dia a dia que podemos observar as práticas escolares. Os ritmos, as aulas, o vai e vem nos corredores, o entra e sai na escola. O dia é uma unidade de tempo valiosa para quem pretende fazer uma etnografia. É no cotidiano das atividades diárias que tiramos algumas lições e conclusões, que fazemos contatos, entrevistas. O dia é a data que marcamos e definimos muitas das coisas vivenciadas no ambiente escolar. Talvez ele seja mais significativo para quem observa do que para quem vive. No dia a dia alimentamos o nosso diário de campo, nossos contatos, amizades. No dia a dia podemos observar as cobranças, o rigor do relógio, a manutenção da ordem e da disciplina. O aluno que chega atrasado e o professor que não vem. A aula vaga, a aula chata, a melhor aula, a pior aula etc. O dia que se resume em uma tarde, em um único turno. O dia é composto por seis aulas e um intervalo ou recreio.

A *aula*: A aula é uma unidade de tempo rica. Durante a observação das aulas muitas coisas podem ser vistas, muitos tempos, ciclos, relógios e ritmos. A aula é o momento em que alunos e professores, seguindo princípios de segmentação, se voltam para os conteúdos que devem ser dados em um período de tempo específico e cronometrado.

b) Na sala de aula – sobre as aulas

Minha intenção ao assistir as aulas nunca foi a de fazer uma avaliação da qualidade das mesmas. Só que na medida em que fazia a observação algumas questões me chamaram atenção. Questões essas que considere pertinente para o entendimento do tempo escolar. E que é por essa única e exclusiva razão que serão apontadas aqui.

A primeira questão observada diz respeito às ferramentas utilizadas e o tempo da aula. Esse assunto tem a ver com um tema muito explorado nos estudos sobre o tempo, que é a relação tempo e tecnologia. Neste caso, minha intenção é destacar de que modo o uso de diferentes ferramentas/tecnologias repercute em diferentes usos e práticas do tempo e também em nuanças na relação pedagógica. Enquanto estive na escola observei que no geral as aulas eram dadas usando três ferramentas: o quadro, o datashow e o livro didático.

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



mesmo não era utilizado por questões de tempo da aula, porque utilizar o livro significava mais tempo de aula e exigia do professor uma maior exposição do assunto. Enfim, quase não vi os professores explicando os assuntos, dando aulas expositivas.

Afora as tecnologias utilizadas, desde o primeiro momento em que comecei a observar as aulas percebi que o que alunos e professores chamavam “aulas vagas” faziam parte da rotina da escola, pois todos os dias faltavam professores. Quando isso acontecia, observei o que eles chamavam de “subir” aulas. Era comum, quando existia aula vaga, os professores de outras disciplinas “subirem” suas aulas para que os alunos não ficassem sem aula, ou pelos corredores da escola e para que pudessem ir para casa mais cedo². Existia uma mobilização na escola, por parte da vice-diretora, e dos inspetores e entre os próprios alunos e professores para que isso acontecesse. Quando tinha aula vaga, geralmente, os inspetores junto com os alunos recrutavam professores que tinham disponibilidade para subir sua aula, compensando assim o horário vago.

Todo esse processo que envolvia as subidas de aulas me fazia pensar no quanto estava naturalizada a ausência cotidiana dos professores, o que me fazia lembrar daquilo que Franch (2008) chama de socialização paradoxal do tempo. Há todo um discurso de defesa da importância da escola, do tempo escolar, sendo que, o que vemos na prática é que ela não parece tão importante assim, já que os professores estão quase sempre faltando e o tempo da aula é constantemente sacrificado.

Assim como existiam as aulas vagas, quando os professores faltavam e por consequência as subidas, os alunos também se ausentavam das aulas ou como é mais comum, gazeavam aulas. Gazear aulas era uma opção do aluno quando ele não queria assistir determinada aula. Gazear representava que aquele tempo daquela aula era uma perda de tempo. Quando um aluno gazeia uma aula ele está dizendo que ele não valoriza aquela aula.

Observei que as gazeadas não eram aleatórias, elas geralmente aconteciam em horários específicos, aconteciam no fim do dia, nas aulas depois do intervalo e

² Subir as aulas nada mais era do que uma estratégia para ganhar tempo.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



em determinadas disciplinas. Ainda de acordo com o que eu observei gazar não é um fenômeno individual, quase sempre os alunos gazeavam em grupos, de modo que muitas vezes os professores suspendiam suas aulas por falta de alunos na sala.

Outra coisa que me chamou atenção foi o planejamento das aulas, ou, melhor, a falta de planejamento. Alguns professores quando chegavam à sala não tinham nada pronto para apresentar aos alunos, procuravam os alunos para saber onde tinham parado para daí dar seguimento ao assunto. O que ia ser feito era decidido na hora e algumas vezes eles chegavam com uma intenção e executavam outra. Uma certa dose de improviso também parecia penetrar, portanto, no interior da sala de aula. A minha intenção em apresentar esses dados não é a de acusar os professores mas de dar visibilidade à maneira como, na escola atual, as relações pedagógicas se estabelecem de maneira precária e que a gestão do tempo da sala de aula é um aspecto importante de se levar em consideração.

c) As avaliações – tempo de medir o desempenho escolar

As avaliações eram bem variadas. Geralmente os professores faziam provas, trabalhos e tudo para tornar as notas mais qualitativas. As provas eram de dois tipos: as provas normais, que eram feitas sempre e que geralmente eram do tipo “objetiva”³ ou subjetiva com consulta e as provas bimestrais que eram as mais temidas – porque não eram feitas com consultas, e que quase sempre eram objetivas. As últimas ocorriam todo fim de bimestre, durante a semana de provas da escola.

A semana de provas é aquela semana que a escola separa para fazer a avaliação bimestral, ou seja, as provas bimestrais. Durante a semana de provas o horário mudava. As provas se iniciavam às 13h30 e iam até às 15h30, uma hora para cada disciplina, porque geralmente eram duas disciplinas por tarde ou três, no máximo.

³ As provas objetivas são aquelas em que os alunos, dentre as questões apresentadas, têm a opção de marcar a resposta/alternativa certa. Não é necessário que eles dissertem sobre o assunto em questão. Também são conhecidas como provas de marcar.



Além das provas, existe a poupança, que é um sistema de acumulação de pontos que os alunos ganham quando desempenham determinadas tarefas em sala de aula ou quando participam de atividades desenvolvidas na escola, exemplos de pontuação são o visto, a participação na gincana e no desfile. Toda vez que o professor calculava a média de cada bimestre ele verificava se o aluno acumulou pontos e acrescentava a sua nota bimestral. De modo que, a cada bimestre a pontuação era zerada, iniciando-se uma nova fase de acúmulos.

Por fim, o conselho era o momento em que os professores se reuniam depois da prova final para avaliar em conjunto as condições de cada aluno, daqueles que não passaram por média. Ali eram decididos os alunos que ainda tinham chance de passar e os que já estavam reprovados automaticamente, de modo que nem era necessário fazer a final.

2.2 TEMPOS VIVIDOS, SENTIDOS E PERCEBIDOS – TEMPO COMO EXPERIÊNCIA

Nesta parte do artigo abordo outros tempos além daqueles cronometrados e regulados pela escola. Destaco agora a dimensão fenomenológica do tempo, o tempo como experiência. Nesse sentido, o tempo é uma experiência interna e que tem a ver com o sentimento que temos em relação a ele, ao que esperamos dele e de como o vivenciamos, o sentimos e o percebemos. São aqueles tempos que não são marcados pelo relógio e que não podem ser medidos (ADAM, 1995).

Em relação aos tempos vividos, considerando alunos e professores, a impressão que eu tive é que todo o tempo no ambiente escolar existiu um desencontro entre eles. Em que sentido afirmo isso? Alunos estão no começo de suas carreiras, muitas expectativas, ansiedade e esperança. Professores estão em fim de carreira⁴ e depositam suas expectativas e esperanças na vida que terão fora

⁴Tanto os professores com quem eu tive contato quanto os que eu entrevistei estão na faixa etária de 45 a 55 anos de idade, e já trabalham em escolas em média uns 30 anos, o que os caracteriza como sendo uma geração de saída.



da escola, tudo aponta para um fim, em relação à escola, para eles, o tempo naquele local parece ter se esgotado, eles contam os anos, os dias e as horas para começar a viver suas vidas e para concretizarem o que ainda não viveram até aqui. Quase tudo o que eu presenciei e observei enquanto estava na escola aponta para isso. Alunos agitados, cheios de vida e esperança no futuro próximo. Professores cansados da escola, sem ânimo, sonhando com suas aposentadorias. Fora uma série de questões, o que mais me chamou atenção é que alunos e professores convivem em tempos diferentes, mesmo estando no mesmo ambiente. Os alunos parecem ter todo o tempo do mundo enquanto os professores parecem não ter tempo para nada. Isso remete à “não contemporaneidade dos contemporâneos”, expressão do historiador da arte Wilhelm Pinder, utilizada por Mannheim (1964), ao desenvolver seu conceito de geração. De acordo com a socióloga Wivian Weller (2010, p.1) “Mannheim chama a atenção para o fato de que diferentes grupos etários vivenciam tempos interiores diferentes em um mesmo período cronológico.”

Estamos diante de gerações diferentes, não apenas em termos de idade mas dentro da escola também, e em posições diferentes – alunos passam, professores ficam e acumulam o cansaço.

a) Tempos dos alunos

Apesar de alunos e professores estarem em um tempo comum, o que eu chamo aqui de tempo pedagógico, suas vivências do tempo individual demonstram que há um desencontro em sala de aula. No caso dos alunos percebi que é forte a relação deles com o momento presente em que vivem. Isso não quer dizer que eles não falem sobre o futuro pois quando perguntados eles o fizeram, mas em comparação com o presente, o futuro não parece ser tão importante. Mais ou menos como destaca a Edmara Castro Pinto (2012) no seu trabalho sobre os tempos da juventude. Ela fala de uma importância que o jovem dá ao presente porque é neste tempo que eles constroem sua identidade, em que fazem amizades, entre outras coisas. E por consequência disso, dois tempos são predominantes em relação aos alunos: o tempo do celular e o tempo da amizade.



Tempo do celular: Entre os alunos o uso do celular é muito comum durante as aulas. Praticamente todo o tempo os alunos estão conectados ao celular, seja na internet, geralmente instagram e facebook, jogando, alimentando pou (bichinho de estimação virtual), seja ouvindo música e/ou mandando mensagens para os colegas enquanto “assistem aula”. O celular é o companheiro fiel de todas as horas e aulas. É o elemento comum em todas as salas. Chega a existir um universo paralelo, nesse sentido, no que diz respeito ao uso dessa tecnologia. Uma “segunda aula” que concorre diretamente com a aula tradicional dada pelo professor.

Tempo da amizade: Durante as aulas outra coisa que observei foi quanto os alunos conversavam, quando eles não estavam usando o celular, estavam conversando com os colegas de sala. Isso era mais comum enquanto eles copiavam alguma atividade que o professor tinha passado no quadro ou quando o professor passava alguma avaliação de pesquisa que podia ser feita em sala. Então, enquanto eles faziam os seus trabalhos, eles também conversavam e quase sempre os professores reclamavam. Tudo isso não contribuía no sentido de que a aula acontecesse sem interrupções e constrangimentos da parte dos professores.

b) Tempos dos professores

Os professores estão sempre falando bem do passado, saudosos em relação a este tempo, e otimistas em relação a um futuro. O presente é um tempo de transição em que eles estão insatisfeitos e cansados. Em relação à escola e aos alunos, o passado é tido como um tempo que foi bom, em que as coisas eram mais organizadas, enquanto o presente é desesperança, as coisas parecem fora do lugar e sem controle, o caos está instalado. Já o futuro é a esperança de tempos melhores, de um tempo em que eles possam viver suas vidas longe da escola, é um tempo para viajar, para descansar, para se dedicar a família e de realizar sonhos e projetos, que no presente estão impossibilitados pela falta de tempo e por conta do trabalho na escola, já que a escola absorve todo o tempo deles.

Uma questão importante e que vale a pena destacar porque tem muito a dizer sobre este assunto é a faixa etária em que os professores que eu entrevistei e

18º REDOR
24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: **Perspectivas Feministas de Gênero:**
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EVANS-PRITCHARD, Edward. **Os Nuer**: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo: Perspectiva, 2007.

FRANCH, Mónica. **Tardes ao léu**. Um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens de periferia. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFPE, Recife, 2000.

_____. **Tempos, contratempos e passatempos**: um estudo sobre práticas e sentidos do tempo entre jovens de grupos populares do Grande Recife. Tese de doutoramento em Antropologia. Rio de Janeiro. 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 1987.

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago., 2005.

KOHAN, W. O. Apontamentos filosóficos para uma (nova) política e uma (também nova) educação da infância. **Reunião Anual da ANPED**, 27, 2004, Caxambu. Anais eletrônicos. Rio de Janeiro: ANPED, 2004. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/diversos/te_walter_kohan.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2007.

LORLIOL, Marc. **Le temps de la fatigue**: la gestion sociale d'un mal-être au travail. Paris: Anthropos, 2000. 293 p.

MANNHEIM, Karl. Das problem der generationen. In: WOLFF, Kurt H. (Ed.). **Wissenssoziologie**, Neuwied: Luchterhand, 1964, p. 509-565.

